

A leitura no jornalismo digital: Mediações e (re)configurações culturais¹

Tatiane Mara Jovino Souza²
Universidade Federal do Ceará

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar a forma pela qual se dá a convivência entre as práticas relacionadas ao jornal impresso e ao webjornal, de modo a compreender a configuração da leitura jornalística contemporânea. Além disso, quer-se mostrar como os receptores foram incorporando as inovações técnicas ao longo da história da mídia e ajudando a sedimentar configurações culturais típicas de cada momento. A presente pesquisa está estruturada em dois eixos de análise: um diacrônico (jornal impresso → jornal digital), preocupado em identificar rupturas e continuidades entre essas modalidades jornalísticas, e outro sincrônico (tecnicidades → ritualidades), destinado a examinar como as transformações que a tecnologia efetua nas linguagens e formatos, nas relações espaço-temporais e nas relações socioculturais são incorporadas no cotidiano dos leitores.

Palavras-chave

Webjornalismo; Recepção; Cibercultura; Estudos Culturais

Introdução

Se até a década de 1970 os estudos de comunicação, ancorados no funcionalismo e nas ideias da Escola de Frankfurt, viam o receptor como um elemento passivo, nos anos 1980 essa posição é desmistificada pelos Estudos Culturais, que abordam as noções de texto polissêmico, de comunicação mediada e de sujeito histórico, culturalmente localizado. Passa-se a ver o receptor não como uma caixa vazia, mas como um polo criativo, que produz sentido a partir de seus referenciais.

Desde os anos 1990, e principalmente 2000, com a disseminação das novas mídias, essas noções parecem cair num cenário ambivalente. Ao mesmo tempo em que as reforça, promovem uma virada. A Internet não só corrobora a ideia de sujeito ativo, como faz com que essa *atividade* extrapole os processos mentais e ganhe materialidade através dos recursos interativos; não só reforça a ideia de texto polissêmico, como, por meio do hipertexto e da multimídia, torna as opções interpretativas ainda mais vastas; não só fortifica a ideia de receptor culturalmente inserido, como reconfigura o próprio cenário

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada no Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, e-mail: tati.flows@gmail.com

cultural.

A ambiguidade entre o que permanece e o que muda configura um desafio para o pesquisador, que precisa romper receitas teórico-metodológicas para investigar um cenário repleto de correlações ainda nebulosas. Faz-se necessário pensar num quadro teórico capaz de explorar os ensinamentos do campo para analisar o que há de precedente no fenômeno, mas também flexível e prolongado o suficiente para abarcar suas inovações. Este trabalho busca enfrentar esse impasse a partir de um entrelaçamento dos legados dos Estudos Culturais, que historicamente vêm servindo de base para a maioria dos estudos de recepção na América Latina, com o aporte trazido pela Cibercultura, que vem sustentando pesquisas sobre “receptores” no ciberespaço.

Neste artigo, pretende-se justificar a opção por aproximar essas duas áreas para pensar as práticas dos leitores contemporâneos, bem como apresentar a estratégia que será utilizada para estabelecer uma ponte entre elas.

O receptor: dos estudos culturais aos estudos ciberculturais

Desde suas origens, os estudos de comunicação foram fortemente influenciados pelos paradigmas positivista e marxista. Esses dois caminhos epistemológicos inspiraram, respectivamente, as teorias funcionalista e crítica, que, juntas, guiaram modo de conceber o receptor por um período de aproximadamente meio século.

Enquanto no funcionalismo, os meios de comunicação de massa são concebidos como instrumentos para o alcance de metas específicas, na teoria crítica são tidos como meros reprodutores das relações econômicas. Em comum, essas perspectivas apresentam uma limitação: o fato de ambas se referirem a uma teoria informacional dos processos comunicativos (WOLF, 2002, p.100), capaz de ver na recepção unicamente um lugar de chegada e nunca um lugar de partida, isto é, também de produção de sentido (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 41).

Nos anos 1980 é que se começa a incorporar uma terceira via paradigmática, de ordem antropológico-fenomenológica, que defende a interpretação da ação social dentro do contexto em que é vivenciada pelos indivíduos. Só a partir de então é que a dimensão cultural foi inserida nos estudos de comunicação. “Pensar a comunicação desde a cultura é fazer frente ao pensamento instrumental que tem dominado o campo da comunicação desde seu nascimento, e que hoje se auto-legitima apoiado no otimismo tecnológico” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 212). Esse reconhecimento da cultura colaborou não só para que se

questionasse o papel passivo que se julgava ser exercido pelo receptor, como para que se compreendesse que o sentido ultrapassa as formulações textuais. A recepção, com isso, deixa de ser tida como um polo apático de um processo *etapista*, passando, antagonicamente, a ser concebida como um polo ativo de um processo social.

O ingresso dos Estudos Culturais na trajetória da comunicação vem a reforçar essa virada. O receptor, tratado a partir das contribuições dos Estudos Culturais,

(...) ocupa um espaço contraditório, o da negociação, o da busca de significações e de produções incessantes de sentido na vida cotidiana. O receptor deixa de ser visto, mesmo empiricamente, como consumidor necessário de supérfluos culturais ou produto massificado apenas porque consome, mas resgata-se nele um espaço de produção cultural; é um receptor em situações e condições, e por isso mesmo cada vez mais a comunicação busca na cultura as formas de compreendê-lo, empírica e teoricamente (SOUSA, 1995, p. 26-27).

Emersos no final dos anos 1950 e começo dos anos 1960, na Inglaterra, os Estudos Culturais só explicitam interesse pelo tema da recepção, nos termos que hoje se conhece, em 1973, quando Stuart Hall publica o texto *Encoding and Decoding in Television Discourse*. Nele, o autor, por meio do conceito de *código negociado*, semeia a crença de que o sentido não advém exclusivamente do texto. Em 1980, o modelo de Hall ganha concretude com o trabalho *The Nationwide Audience*, de David Morley. Essa obra que, segundo Escosteguy (2005), marca o ingresso do sujeito de “carne e osso” nos estudos de recepção. Os pesquisadores, a fim de compreender o receptor em sua subjetividade, passam a mergulhar no seu ambiente doméstico e cultural.

Abrem-se, dessa forma, os caminhos para a etnografia de audiência. Partindo do pressuposto de que o acesso ao simbólico se dá pelas ações, a etnografia propõe uma análise profunda e uma descrição densa dos fenômenos socioculturais para extrair interpretações do discurso social e examinar como a cultura se traduz nas práticas cotidianas. Ver o mundo a partir dos sentidos dados pelos pesquisados e extrapolar a objetividade simplificadora do método quantitativo são algumas vantagens da opção pela etnografia. Itânia Gomes (2005) salienta ainda a importância da etnografia para tirar os estudos de recepção do âmbito especulativo. Para ela, essa técnica parece “oferecer solução à tensão que os Estudos Culturais viviam entre sua predileção pelas experiências vividas e sua propensão à teorização” (GOMES, 2005, p.200).

Mantendo essa insistência na pesquisa empírica e no uso de metodologias qualitativas de investigação, esses estudos de audiência começaram a internacionalizar-se.

Nesse momento, segundo Gomes (2005), as pesquisas de recepção, a que ela prefere chamar de pesquisas de consumo cultural, ramificam-se em uma vertente inglesa, preocupada com as “relações entre cultura, poder e sociedade e que, portanto, continua analisando o consumo cultural com referência ao contexto mais amplo das relações sociais” (GOMES, 2005, pp.190-191), e em uma vertente norte-americana, menos politizada e com a atenção voltada às práticas de consumo.

Na América Latina, que desde décadas anteriores vinha apostando na consciência política como forma de resgatar o receptor da dominação imposta pela perspectiva do imperialismo cultural, as pesquisas de recepção emergem, em meados dos anos 1980, estruturadas em torno das culturas populares e do conceito de *hegemonia*. Mais tarde, passam a ser regidas essencialmente pelo referencial teórico-metodológico construído pelo sociólogo Jesús Martín-Barbero, que propõe um deslocamento analítico dos meios às mediações. “Esta é uma epistemologia que busca escapar aos dualismos e que busca também transcender a lógica de efeitos e instrumentos” (OROZCO, 2008, p. 138). Trata-se de “uma teoria que pretende compreender a complexidade e as contradições da experiência cultural nas sociedades contemporâneas, mirando os meios de comunicação não como um aparato ou instrumento, mas como constitutivos das práticas sociais” (GOMES, 2005, p.204), o que faz com que, para Martín-Barbero, a comunicação seja um lugar estratégico para se pensar a sociedade, e a instância da recepção seja um lugar estratégico para se repensar a comunicação.

Desse modo, a passos largos, chega-se aos anos 1990, quando, sobretudo em função da Internet, o mundo passa por reordenamentos que demandam dos Estudos Culturais mais atenção para as questões tecnológicas. Segundo Souza (2010), a aproximação entre temáticas vinculadas às tecnologias computacionais e ao campo das teorias críticas e culturais enfrentou algumas barreiras, pois “o debate sobre a tecnologia sofreu, até entrados os 90, de acusações fortemente ideologizadas, que denunciavam os efeitos homogeneizantes da tecnologia eletrônica” (SOUZA, 2010, p. 11). Hoje “a cibercultura tem mostrado que a oposição entre a cultura e a tecnologia não é mais sustentável” (LEMOS, 2007, p.262), mas a interface dessa área com os estudos de recepção, onde se acredita localizar as bases teórico-metodológicas para os estudos sobre o leitor na *Web*, ainda vem sendo lapidada.

No âmbito internacional, esse processo de aproximação começou já nos anos 1990, quando surgiram os primeiros estudos empíricos de Internet. Press e Livingstone (2007)

destacam entre os pioneiros o trabalho *Life on the Screen: Identity in the Age of Internet* (1995), em que Sherry Turkle centra-se na discussão textual para estudar a fluidez identitária nas comunidades *on-line*. Segundo as autoras, esse trabalho surge em um momento em que os estudos em Internet se davam divididos em duas lógicas metodológicas: uma focada na vida em frente à tela e outra na vida na tela. Enquanto as pesquisas centradas na vida na tela, de acordo com elas, pecavam por não oferecer dados do contexto socioeconômico e cultural em que a recepção se dá, como é o caso do trabalho de Turkle, as centradas na vida em frente à tela deixavam em segundo plano o envolvimento das pessoas com o conteúdo *on-line* buscavam compreender como as pessoas se apropriavam da Internet em sua vida cotidiana, mas entendendo-a como sinônimo de *computador*.

Em um segundo momento, já nos anos 2000, aparecem estudos contempladores desses dois pontos de vista, mas que, conforme Press e Livingstone (2006), pouco exploram a complementaridade entre eles. Apesar das deficiências, esses estudos abrem portas para uma instância inovadora das pesquisas de recepção, que Formas et al (*apud* PRESS e LIVINGSTONE, 2006, p.184) descrevem como

(...) um grupo em expansão de estudos ciberculturais, combinando mídia e estudos culturais com pesquisa na Internet. Esse campo, que vem crescendo rapidamente, atravessa e revisa certos limites tradicionais como os que envolvem identidades, comunidades, formas de recepção ou de uso da mídia, gêneros textuais, tipos de mídia, tecnologias e métodos de pesquisa.

No Brasil, esse campo vem se estruturando em um ritmo mais lento. Um panorama da pesquisa brasileira em comunicação sobre recepção na década de 1990, traçado por Jacks, Menezes e Piedras (2008), endossa essa afirmação. Ao analisarem teses e dissertações do período, as autoras evidenciam a não-representatividade da Internet entre as produções empíricas de abordagem sociocultural. Mostram que, enquanto o rádio figurou como objeto de cinquenta estudos e a televisão, o meio mais investigado no país na época, foi foco de análise em 136 trabalhos, a Internet ainda não aparecia como alvo dos pesquisadores da área de recepção.

No entanto, uma extensão dessa pesquisa para os anos 2000-2005, sintetizada parcialmente no artigo *Pesquisa de Recepção: empírica por natureza* (Jacks et al, 2010), aponta para a Internet entrando em pauta. Na análise, efetuada pelo núcleo de pesquisa *Cultura e Recepção Midiática* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foram

encontrados seis trabalhos empíricos de recepção, de cunho sociocultural, em ambientes virtuais (COSTA, 2002; RAMOS, 2002, ROCHA, 2003; SCOSS, 2003; MORAES, 2004; GOUVEIA, 2004). A constatação é de que, além de gradual, esse ingresso, ao longo da primeira meia década deste século, se deu sobre uma base teórico-metodológica ainda deficiente.

Por outro lado, Silva (2007) mostra que a recepção vem conquistando espaço entre os trabalhos da área da Cibercultura. Ao analisar os contornos que as pesquisas empíricas em Comunicação e Cibercultura foram tomando ao longo do tempo, ele situa os estudos de recepção dentro do que ele chama de *nós* ou *vetores-chaves* mais recorrentes, isto é, os “componentes mais centrais dos processos de comunicação no ciberespaço sobre os quais estão questões, problemas, dilemas, escolhas e caminhos adotados por um determinado estudo pragmático” (SILVA, 2007, p.9). Os quatro vetores-chaves mencionados pelo autor são: *design*, conteúdo, apropriação e fluxo comunicativo. Mesmo que as características e potencialidades comunicativas do canal (*design*), a estruturação simbólica e cognitiva das mensagens (conteúdo) e as regras da dinâmica de comunicação (fluxo) não sejam fatores alheios ao modo pelo qual as pessoas atribuem sentido aos conteúdos disponíveis na Internet, os estudos de recepção, segundo ele, localizam-se centralmente no vetor da *apropriação*, que dá conta de “como o conjunto de indivíduos consome o conteúdo ordenado no *medium* e quais as repercussões sociais disto” (SILVA, 2007, p.10).

Mesmo que o conceito de *apropriação* de Silva (2007) contemple concomitantemente conteúdo e repercussões sociais, Souza (2010) discorda que esses elementos tenham se mostrado fundamentalmente presentes nas atuais pesquisas de recepção na Internet. Em um estudo sobre o que há e o que falta nos estudos de recepção e leitura na *Web*, uma das conclusões da autora é que:

Parece haver um interesse empírico e instrumental, imediato, em saber o que faz o leitor na *Web*, abrindo-se uma região de sombra sobre os processos de percepção, reconhecimento, interpretação, em relação a processos mais globais, social, político e culturalmente significativos. Ainda, parece que o conteúdo foi deixado de lado porque a preocupação com a representação foi esquecida, substituída pelas novidades que nos colocam as formas novas de comunicação (SOUZA, 2010, p. 6).

Souza (2010) detecta ainda que, talvez por essa ênfase desmedida na investigação sobre os usos do meio técnico, as pesquisas de recepção na *Web* optam prioritariamente pelo método quantitativo. “Os métodos quantitativos de medição da audiência são os mais

validados e discutidos, deixando na escuridão a compreensão qualitativa dos processos de recepção, de uso e de consumo de produtos no ambiente digital” (SOUZA, 2010, p. 2). A autora descreve uma série de técnicas, focadas nos usuários (*user-centric*) ou nas visitas aos sites (*site-centric*), que conseguem evocar informações como o índice de leitura, sites mais visitados, horário de acesso, tempo de permanência na página, áreas mais focalizadas na tela, links mais clicados, ferramentas mais utilizadas, modos e eficiência da interação, mas que são insuficientes para transportar os estudos de recepção para o ambiente onde residem questões socioculturais. Sem desmerecer a importância dessas técnicas para outros propósitos, é preciso que se pondere que ver a recepção sob esse prisma torna-se uma opção reducionista.

Embora Lúcia Santaella (2007b, p.34) diga que o campo do leitor da *Web* “por ser muito jovem, permanece quase virgem, reclamando por estudos específicos”, percebe-se que esse objeto vem sendo crescentemente explorado nos últimos anos. Contudo, como se apresentou, as pesquisas ainda buscam superar limitações tanto no âmbito teórico quanto no âmbito metodológico, pois muitas delas continuam refletindo, ao menos parcialmente, dicotomias que marcaram as pesquisas de recepção ao longo da história: entre meios e mediações, entre texto e contexto, entre micro e macro, entre teórico e empírico, entre interior e exterior à tela. A ausência de uma visão integrada dessas esferas parece ser uma das grandes precariedades ao se estudar o “receptor” em ambiente digital.

Isso provavelmente está atrelado à já mencionada dificuldade que os pesquisadores do assunto ainda têm para aliar a temática da cultura à da tecnologia, à dificuldade que têm em saber que referências das tradicionais pesquisas de audiência, orientadas pelos Estudos Culturais, continuam válidos e aqueles que precisam ser refutados, revisados ou atualizados a partir da perspectiva teórica trazida pela Cibercultura.

A próxima seção discute a relevância da obra “Dos meios às mediações”, de Jesús Martín-Barbero, para o presente estudo. O autor antecipa, neste livro, o elemento da tecnicidade às discussões acerca dos estudos de recepção. Dessa forma, serão apresentadas as principais contribuições dele para o entendimento dos meios, tanto nas mídias tradicionais (televisão, rádio) como na mídia online.

O lugar da tecnologia: dos meios às mediações

As contribuições dos Estudos Culturais e da Cibercultura, que surgiram em trilhas paralelas, parecem encontrar na investigação da leitura na *Web* uma razão para convergir. Se

os Estudos Culturais ensinam que “estudar a produção de sentido no espaço da recepção significa pensar os processos de comunicação a partir do âmbito da cultura” (GOMES, 2005, p.209), os “estudos ciberculturais” viabilizam a inclusão da nova face da cultura, despontada pelas tecnologias contemporâneas: a *ciber*.

A cibercultura é a matriz simbólica onde se dá a maior parte do ciclo de vida da informação na *Web*, mas, no momento da leitura, as mensagens extravasam a tela, colocando em choque duas lógicas sociais distintas. É preciso, entretanto, lembrar que essas duas lógicas são partes de um só mundo, e que o processo de recepção só pode ser compreendido quando ambas as frações dialogam entre si. Assim, sugere-se que, aqui, o solo para esse diálogo seja as mediações. “Pensar a comunicação sob a perspectiva das mediações significa entender que entre a produção e a recepção há um espaço em que a cultura cotidiana se concretiza” (WOTTRICH, SILVA e RONSINI, 2009, p.3).

[As mediações] articulam os processos de comunicação com as diferentes dinâmicas que estruturam a sociedade, desde as econômicas e políticas até a que estrutura o campo no qual se insere a comunicação, a cultura. Compreensão que supõe a desconstrução do conceito de cultura para desvelar os entrecruzamentos e as mudanças de sentido (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.212).

A primeira versão do *Modelo das Mediações* foi publicada por Martín-Barbero, em 1987, em seu clássico *De los medios a las mediaciones*. O livro pode ser visto, segundo Ortiz (2008, p.133), como “um ensaio totalizador que se alimenta da Sociologia, da Antropologia, da História, da Literatura, da Ciência Política, no qual a comunicação constitui um objeto heurístico onde se entrelaçam diferentes dimensões das sociedades latino-americanas”. Na obra, Martín-Barbero propõe que a comunicação seja estudada a partir dos processos que a atravessam, dos lugares onde se dá o enfrentamento entre receptores e meios, se organiza a percepção da realidade e se estabelece a apropriação de sentidos. “O sujeito da comunicação não é o meio, mas a relação. Importante não é o que diz o meio, mas o que fazem as pessoas com o que diz o meio, com o que elas veem, ouvem, leem. Esta é a mudança. E isso foi o que realmente produzi, o que propus”, explica o próprio autor (MARTIN-BARBERO, 2009, p.9).

Para tanto, ele elencou, inicialmente, três instâncias mediadoras (para análise da televisão): a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural e, assim, inseriu o processo comunicativo dentro das práticas sociais. Isso permitiu que os fenômenos e conceitos pudessem ser analisados a partir das interferências que neles se

inscrevem, deixando de ser compreendidos como verdades absolutas, estáticas e deterministas para se tornarem construções relacionais, dinâmicas e negociadas.

Ao entender assim a mediação, se abriu e se abre para a investigação da comunicação e da cultura um novo filão através do qual é possível explorar o que se sucede nos intercâmbios sociais cotidianos. O que se sucede tanto entre as audiências em seus intercâmbios midiáticos, como o que se sucede entre os membros e setores de uma sociedade e de uma cultura. Dessa maneira, a mediação “com maiúsculas” é a própria cultura, que em vez de contexto é produto da comunicação (OROZCO, 1998, p.94).

Mesmo sabendo que a tecnologia não age sozinha, não há como negar que ela é um dos fatores que mais pesa na diferenciação entre os estudos de recepção na mídia tradicional e na nova mídia. Desse modo, entende-se que a adoção da proposta barberiana para o estudo das práticas comunicacionais e socioculturais dos leitores da *Web* requer como ponto de partida a mediação das tecnicidades. Nessa priorização tecnológica, germina um ponto de contato entre o que foi mantido e o que mudou nos processos de comunicação, entre os conceitos dos Estudos culturais e da Cibercultura, entre as faces *on-line* e *off-line* do mundo.

Essas intersecções são fundamentais para que a pretendida identificação, descrição e análise das práticas dos usuários online se concretize. Uma compreensão ampla do fenômeno dos usos, das leituras e do consumo da *Web* exige aproximar tradições de pesquisa bastante diversas. A aproximação entre estudos culturais e ciberculturais em torno das mediações de cunho tecnológico possibilita que se faça uso de boa parte da bagagem teórico-metodológica que vinha sendo utilizada nos estudos de recepção de televisão, rádio e impressos; da mesma forma, traz elementos necessários para assimilar alguns redesenhos conceituais, como os de texto, leitura e atividade, temas clássicos dos estudos de recepção, que agora precisam de redefinições orientadas para o hipertexto, a navegação e a interação.

Para que não se incorra em tecnicismos, pretende-se olhar tanto para as tecnicidades quanto para as ritualidades, ou melhor, para a relação entre essas duas dimensões mediadoras. Mesmo que a tecnicidade seja “o que na sociedade não é só da ordem do instrumento, mas também da ordem da sedimentação de saberes e da constituição das práticas” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.235), entende-se que ela melhor fundamenta, no caso deste trabalho, o estudo dos processos entre o leitor e a tela. Já a análise da ritualidade ajuda a situar esses processos no cenário social mais amplo, fora da tela, onde se encontram os usuários ao efetuarem o consumo midiático.

A forma pela qual se pretende estabelecer a conversação entre essas mediações propostas por Martín-Barbero será descrita a seguir.

O diálogo das mediações: das tecnicidades às ritualidades

A riqueza do suporte conceitual que Martín-Barbero oferece para o estudo dos usos sociais dos meios está em sua amplitude e nas inúmeras inter-relações que ele permite estabelecer entre as partes constituintes do mapa por ele desenhado.

Dentro das pesquisas de recepção, as mediações culturais se constituem apenas num modelo ou numa perspectiva de compreensão da relação entre cultura e meios de comunicação. Elas não são vias pavimentadas, fixas e prontas disponíveis à explicação de um determinado fenômeno. Trata-se de um caminho novo, dinâmico e em construção, no qual o próprio objeto de estudo é quem revela quais as mediações que estão interferindo no processo e que irão compor o trajeto (ROSINI e SANTI, 2008, p.65).

Nesse sentido, segundo acima explanado, entende-se que o objeto de estudo deste trabalho apontou para um recorte que engloba o domínio das tecnicidades e das ritualidades. Evidentemente, elas não são as únicas mediações que cruzam o tema aqui debatido, mas acredita-se que por meio delas mais facilmente se pode visualizar a forte ingerência das tecnologias da comunicação sobre as práticas socioculturais contemporâneas.

Enquanto o quadrante das tecnicidades permite pensar a absorção de novos produtos culturais, o quadrante das ritualidades deixa ver se essas novidades engendram ou não repetições simbólicas, consolidando-se como uma prática semantizada, um rito.

Ou seja, enquanto as tecnicidades subsidiam o estudo da forma com que os sujeitos se relacionam com os suportes, com os formatos e com os conteúdos, as ritualidades subsidiam o estudo da forma com que os sujeitos incorporam e dão sentido a esses elementos em seu dia-a-dia. É pensando essas duas mediações em complementaridade que se pretende avançar na compreensão de como o “novo jornalismo” vem reestruturando as práticas direta ou indiretamente relacionadas aos processos de leitura.

Os estudos comunicacionais, ultimamente, tem andado lado a lado com a tecnologia. A própria teorização do campo veio a reboque do desenvolvimento dos meios de comunicação e de questões de ordem pragmática que lhes foram subsequentes. Assim, as primeiras pesquisas voltadas ao comportamento das audiências, indissociáveis dessa lógica, foram motivadas por orientações instrumentais. A começar que o modelo informacional,

que sustentou as décadas iniciais dos estudos na esfera da recepção, não sendo até hoje totalmente superado, é um modelo de cunho assumidamente técnico, que sufoca as dimensões humanística e social do ato comunicacional, refletindo as aspirações de um período histórico que Lemos (2007), ao narrar a evolução tecnológica, classifica como *fase do conforto*. Trata-se de um momento em que se deposita na técnica as expectativas de progresso humano.

Ao longo da consolidação da área da Comunicação, no entanto, foi-se percebendo a necessidade de atentar não só para questões técnicas como também para as culturais, de forma que na sociedade atual esse elo é inquestionável. O modo de conceber e utilizar a técnica hoje traz consigo fenômenos até então desconhecidos, que não simplesmente tomam o lugar das antigas concepções, mas que vão somando-se a elas e mixando-se. Ao acomodar esses novos fenômenos, a realidade é reorganizada; efetua prolongamentos de diversas ordens em diversas direções: funde modernidade e pós-modernidade; sociedade de massa e sociedade em rede; comunicação unidirecional (um - todos) e bidirecional (todos - todos); memórias, projeções e o aqui e agora; raízes locais e fluxos globais; indivíduo atomizado e coletividade conectada; real e virtual; tecnocultura e cibercultura. Ou seja, “o surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre a nossa cultura” (CASTELLS, 2002, 414).

Há, portanto, uma relação estreita e recíproca entre técnica e cultura. Rüdiger (2007, p.38) explica que a cultura transcende a técnica, mas que precisa dela para se expressar. Isso porque “tecnicidade é competência da linguagem” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.235) e, conforme Postman (*apud* CASTELLS, 2002, 414), as linguagens têm o importante papel de intermediar a concepção de realidade: “são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura”. A cultura, por sua vez, estimula o desenvolvimento de novas técnicas e, desse modo, técnica e cultura alimentam uma dinâmica de autotransformação e de transformações mútuas. “O imaginário social e as escolhas tecnológicas da humanidade trabalham como um sistema de espelhamento. A sociedade escolhe e valida a tecnologia, e esta auxilia na construção de um novo imaginário” (MALLMANN, 2005, p. 20).

Esses intercâmbios, contudo, não trazem resultados imediatos e, tampouco, são livres de discrepâncias. As transformações “demoram a se manifestar, justamente porque não só o instrumental está envolvido (...), mas, sobretudo, o sociocultural, e (...) também e

especialmente, o perceptivo” (OROZCO, 2006, p. 85). É por envolver a percepção da sociedade, que nem sempre acompanha a velocidade das revoluções técnicas, que essa dinâmica entre tecnologia e cultura pode mostrar-se descompassada.

Daí deriva a importância da ritualidade. Ao buscar fazer da assimilação das novas tecnologias um processo gradual e consolidado, ela luta contra esse descompasso. Na tecnicidade muitas referências são transformadas e é a ritualidade “que vai refletindo graus de apropriação ou de abandono dessas referências. Processos que supõem familiaridade e tempo” (OROZCO, 2006, 88).

Pode-se, pois, considerar que as ritualidades medeiam a incorporação do tecnológico pela cultura, dado que permitem “entrevir o jogo entre cotidianidade e experiências do estranho, (...) entre inércias e atividades, entre hábitos e iniciativas do olhar e ver” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.233). Esquemáticamente falando, a tecnicidade desenha novas práticas; se essas práticas passam a repetir-se, viram rotinas; se essas rotinas ganham sentido simbólico, viram ritos; os ritos são o combustível das culturas, e as culturas são a plataforma em que se ancoram e se negociam as significações de uma sociedade. Assim, por meio dessa relação complexa (apesar de rápida e simplificada) de absorções e recusas, a ritualidade vai acomodando continuidades e rupturas em um mesmo cenário, e, por consequência, reforçando a ordem cultural ao mesmo tempo em que gerencia as reconfigurações que nela ocorrem.

Sabe-se que a técnica não é neutra; intervém nas relações políticas, econômicas, culturais, sociais e é interferida por elas. No entanto, “é apenas uma forma de saber, existe sempre encarnada e, por isso, não pode ser separada de seu uso concreto, mesmo no momento de sua origem, visto que essa origem é sempre o homem em condições históricas e sociais determinadas” (RÜDIGER, 2007, pp. 15-16). Compreende-se, então, que estudar as mediações tecnológicas pelo olhar das ritualidades é ver a técnica encarnada, neste caso, encarnada nas formas de produção jornalística, nas práticas dos leitores, em seus cotidianos, na forma pela qual percebem a realidade. É focar em como a sociedade vem se apropriando da técnica e não apenas em como a técnica vem atuando na sociedade.

Para Martín-Barbero, é essencialmente pela via da linguagem e das sensibilidades que técnica e sociedade estabelecem suas mútuas intervenções. Ao longo do tempo, saberes narrativos, hábitos e técnicas expressivas se consolidam pelos sujeitos sociais, engendrando gramáticas discursivas. À medida que novas funcionalidades tecnológicas surgem, introduzindo suas linguagens, essas gramáticas se alteram, pois mudanças de linguagem

impactam todos os sistemas através dos quais se dá a produção de sentido: neurológicos, sociais e culturais. A tecnicidade, nesse sentido, nada mais é que o lugar onde essa revisão acontece, “o espaço da transformação das competências perceptivas dos sujeitos das práticas” (OROZCO, 1998, pp. 95-96). Por isso mesmo, falar em tecnicidade é ir além de algo que aponta para máquinas, ela está relacionada a modos de pensar, ver, sentir, narrar e interpretar.

Enquanto “organizador perceptivo”, a tecnicidade será, nas práticas sociais, aquela dimensão que articula a inovação à discursividade. Pois, mais do que objetos adquiríveis ou atividades especializadas, a tecnicidade é parte fundamental do desenho de novas práticas, mais que artefato é “competência de linguagem” (MARTÍN-BARBERO, 1990, p.13).

O que ocorre na atualidade é que, nas redes informáticas, as inovações, impulsionadas por demandas do mercado, tornam-se mais frequentes e rápidas. Novos gêneros, formatos, estratégias de circulação, aparelhos e escritas surgem a todo instante, acelerando forçosamente o desabrochar de novas sensibilidades. Parece, assim, que as percepções, práticas e sentidos tornam-se mais inconstantes, renovando a importância das intenções duradouras das ritualidades, que, em meio a esse cenário volátil, reformulam consensos, reedificam imaginários, reestabilizam os significados coletivos, realinham as práticas aos cada vez mais efêmeros espaços e tempos e reconstróem gramáticas discursivas.

Em sua relação com os FI [formatos industriais] (discursos, gêneros, programas e grades ou palimpsestos) as Ritualidades constituem gramáticas da ação – do ver, do escutar, do ler –, que regulam a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos que conformam os meios (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.47).

Considerações finais

As ritualidades contribuem, portanto, para a sedimentação das proposições do domínio das tecnicidades e mobilizam transformações culturais. A cultura humana é estruturada pela repetição de comportamentos e adaptada na medida em que novos comportamentos surgem; é resultado “de interação incessante de tradição e mudança, persistência e transformação” (SANTAELLA, 2003, p.57). Interações estas que encontram na ritualidade um espaço acolhedor para perfazerem-se, uma vez que ritualidade “é o que na comunicação há de permanente reconstrução do nexó simbólico: ao mesmo tempo repetição

e inovação, âncora na memória e horizonte aberto. É o que no intercâmbio há de *forma* e de *ritmo*” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.231). A ritualidade é um lugar onde rotinas são transformadas, mas também onde transformações constituem novas rotinas.

Este artigo apresentou o *Modelo das Mediações*, de Martín-Barbero (2004) como lugar de encontro para duas perspectivas que se acredita terem importantes contribuições a dar ao estudo do leitor da *Web*: os Estudos Culturais e a Cibercultura. O entrelaçamento entre essas duas áreas se deu por meio do diálogo entre mediações apropriadas do mapa barberiano: *tecnicidades* e *ritualidades*, sendo a primeira utilizada para abordar as inovações tecnológicas e a segunda para demonstrar como elas são incorporadas e reorganizam as práticas cotidianas.

Além disso, quando este trabalho se propõe a estudar as práticas dos leitores diante do que se pode considerar um novo meio, significa que quer, a partir das ritualidades, ver como esse diálogo está acontecendo e como as pessoas vêm reagindo diante dele. Enfatizando justamente outros fatores, busca-se entender o que permaneceu, o que desapareceu e o que mudou em função das transformações que a tecnologia incita no jornalismo.

Referências

CASTELLS, Manuel **A sociedade em rede** - A era da informação: economia, sociedade e cultura. V.1. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. As relações de gênero nos estudos de recepção: notas sobre metodologias de pesquisa e suas repercussões teóricas. In: BARBALHO Alexandre; PAIVA, Raquel (Orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005

GOMES, Itânia. Os estudos de recepção. In: _____. **Efeito e recepção**. Rio de Janeiro: Epapers, 2005, p.171-220.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las practicas*. In: OROZCO, Guillermo (Org.) **La comunicación desde las practicas sociales**: reflexiones en torna a su investigación. Lomas de Santa Fé: Universidad Iberoamericana. 1990. P. 9-17

_____. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In SOUSA, Mauro Wilton (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. P. 39-68.

_____. Uma agenda para a mudança de século. In:____. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004. P. 257-303.

OROZCO, Guillermo. *La “mediación” de J. Martín Barbero*. **Revista Anthropos**, n. 219, p. 136-138, abr./jun. 2008.

ORTIZ, Renato. *Caminos de la mediación*. **Revista Anthropos**, n. 219, p. 132-136, abr./jun. 2008.

PRESS, Andrea; LIVINGSTONE, Sonia. *Taking Audiences Research into the Age of New Media: Old Problems and New Challenges*. In: WHITE, Mini; SCHWOCH, James. **Questions of Method in Cultural Studies**. Blackwell Publishing, 2006. P. 175- 200.

REGUILLO, Rossana. *Mapas Nocturnos: Diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero*. Santa Fé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1998.

ROSINI, Veneza Veloso M.; SANTI, Vilso Junior Chierentin. Uma aproximação entre pedagogia crítica da mídia e a teoria das mediações. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 8, n.16, p.52-69, jan./jun. 2008.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Introdução às teorias da cibercultura**: perspectiva do pensamento tecnológico contemporâneo. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. 198 p.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: a cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003. 357 p.

SILVA, Sivaldo Pereira da. **Configurações empíricas da pesquisa em comunicação e cibercultura: trajetória, modelos e vetores metodológicos**. 2007. Trabalho apresentado ao XVI Encontro da Compós, Curitiba, 2007.

SOUSA, Mauro Wilton. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In SOUSA, Mauro Wilton (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. P. 13-38.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 7ed. Lisboa: Editora Presença, 2002.

WOTTRICH, Laura Hastenpflug; SILVA, Renata Córdova da; RONSINI, Veneza V. Mayora. **A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no estudo da recepção de telenovela**. 2009. Trabalho apresentado ao XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009.